



## Índice

### Primeira parte – O velho Flibusteiro

- |   |    |
|---|----|
| 1. O velho lobo-do-mar na Almirante Benbow..... | 15 |
| 2. O cão negro aparece e desaparece .....       | 24 |
| 3. A marca preta .....                          | 31 |
| 4. O baú do marinheiro .....                    | 40 |
| 5. O fim do cego.....                           | 47 |
| 6. Os papéis do capitão.....                    | 54 |

### Segunda parte – O cozinheiro de bordo

- |  |     |
|--|-----|
| 7. Vou para Bristol.....                           | 65  |
| 8. No sítio do <i>Telescópio</i> .....             | 72  |
| 9. A pólvora e as armas.....                       | 78  |
| 10. A viagem .....                                 | 86  |
| 11. O que eu ouvi dentro da barrica de maçãs ..... | 93  |
| 12. Conselho de Guerra .....                       | 101 |

### Terceira parte – A minha aventura em terra

- |   |     |
|---|-----|
| 13. Como comecei a minha aventura em terra..... | 111 |
| 14. O primeiro embate.....                      | 117 |
| 15. O homem da ilha.....                        | 124 |

### Quarta parte – A paliçada

- |  |     |
|--|-----|
| 16. Narrativa continuada pelo médico:<br>como o navio foi abandonado ..... | 135 |
|--|-----|

17. Prossegue a narrativa do médico: a última viagem do escaler.....	142
18. Continua a narrativa do médico: fim das lutas do primeiro dia .....	149
19. A narrativa é retomada por Jim Hawkins: a guarnição do fortim.....	155
20. A embaixada de Silver .....	162
21. O ataque.....	169
 Quinta parte – A minha aventura no mar	
22. Como começou a minha aventura no mar .....	179
23. A maré desce .....	185
24. O cruzeiro do coracle.....	191
25. Ataco a bandeira negra.....	197
26. Israel Hands .....	203
27. «Moedas de oito».....	214
 Sexta parte – O capitão Silver	
28. No campo do inimigo.....	225
29. De novo a marca preta .....	234
30. Sob palavra.....	241
31. A caça ao tesouro – o indicador de Flint .....	250
32. A caça ao tesouro – a voz no meio das árvores .....	257
33. A queda de um cacique .....	266
34. Por último.....	273
 Apêndice .....	 281
 Glossário de alguns termos náuticos usados em <i>A Ilha do Tesouro</i> .....	 283
 Nota sobre a tradução.....	 285



PRIMEIRA PARTE

*O VELHO FLIBUSTEIRO*

*O velho lobo-do-mar  
na Almirante Benbow*

**É** para corresponder às insistências do morgado Trelawney, do Dr. Livesey, e do resto das pessoas, que me têm pedido para escrever, de fio a pavio, tudo o que sei sobre a Ilha do Tesouro, não omitindo nada a não ser as coordenadas da ilha – e isto porque ainda lá está, à espera de ser recolhida, uma parte do tesouro –, que pego na pena neste ano da Graça de 17.. e me decido a recuar até ao tempo em que o meu pai tomava conta da estalagem Almirante Benbow, quando um velho lobo-do-mar, de rosto curtido pelo sol e marcado por um golpe de sabre, veio hospedar-se sob o nosso teto.

Lembro-me dele como se fosse ontem. Arrastou-se num passo pesado até à nossa porta, seguido por um baú transportado num carrinho de mão. Era um homem alto, forte e moreno, com um rabo de cavalo que caía sobre os ombros da casaca azul, muito suja. As mãos eram rudes e marcadas por cicatrizes e terminavam em unhas encardidas e falhadas; e o corte do sabre atravessava-lhe uma das faces como um sulco de um branco sujo e lívido.

Lembro-me do olhar que deitou à sua volta, enquanto asobiava uma música qualquer, e, depois, da voz com que entoou a canção de marinheiros que nos habituaríamos a ouvir-lhe



tantas vezes, uma voz estridente mas titubeante, que parecia ter sido afinada e quebrada nas manobras do cabrestante\*<sup>1</sup>:

«*Fifteen men on the dead man's chest –  
Yo-ho-ho, and a bottle of rum!*»<sup>2</sup>

Depois, bateu na porta com um pau que parecia uma barra de cabrestante e, quando o meu pai apareceu, pediu, com maus modos, um copo de rum. Quando lhe levámos o rum, bebeu-o devagar, como bom apreciador, saboreando-o demoradamente, enquanto passeava o olhar pelas falésias em volta até se deter no letreiro da estalagem.

– Este é um abrigo muito conveniente – disse, com vagar; – e a estalagem está num belo sítio. Tem muita clientela, amigo?

O meu pai disse-lhe que não, infelizmente não havia muita clientela.

– Nesse caso – disse – é o lugar ideal para mim. Olhe lá, ó amigo – disse para o homem que arrastava o carrinho de mão –, traga lá o baú e leve-o para cima. Acho que vou ficar por aqui durante uns tempos. Sou um homem simples: basta-me que haja rum e ovos com *bacon*, e aquele promontório ali adiante, para ver passar os navios que se fazem ao largo. Como é que podem chamar-me? Chamem-me capitão. Ah, é verdade – aqui têm.

E atirou três ou quatro moedas de ouro para cima do balcão. «Avisem-me quando chegar ao fim», rematou, num tom imperioso, como se fosse um comandante de navio.

<sup>1</sup> Todas as palavras assinaladas com \* são elucidadas no Glossário de Alguns Termos Náuticos, em Apêndice deste volume. (*N. do T.*)

<sup>2</sup> «Quinze homens em cima do baú do morto/ ei, ei, ei, e uma garrafa de rum». Canção de marinheiros («sea-song» ou «sailor's song»), que se tornou imensamente popular entre os finais do século XIX e a primeira metade do século XX. Stevenson terá sido o criador do refrão; Álvaro de Campos (Fernando Pessoa) cita-o na sua «Ode Marítima» (1914). (*N. do T.*)

E, de facto, apesar do aspeto das suas roupas e da forma desabrida como falava, não se parecia nada com um simples marinheiro; talvez fosse um imediato ou um piloto, habituado a ser ouvido e a castigar quem lhe desobedecesse. O homem que tinha trazido o baú disse-nos que a diligência o deixara à porta do Royal George, na véspera de manhã. Fez perguntas sobre as estalagens das redondezas, ao longo da costa, e tendo ouvido boas referências à nossa, e à sua localização isolada, decidiu-se por ela. E isto foi tudo o que ficámos a saber acerca do nosso hóspede.

Habitualmente, era um homem muito calado. Ficava por casa todo o dia, ou ia até às falésias, com um telescópio de cobre; à noite, sentava-se na sala junto à lareira, a beber rum com água, em doses muito fortes. Na maior parte das vezes, nem sequer respondia quando se lhe dirigiam; limitava-se a olhar com um ar furioso, respirando pelas narinas como uma sirene de alarme; e tanto nós como as pessoas que passavam pela estalagem em breve nos habituámos a deixá-lo em paz. Todos os dias, quando voltava do seu passeio pelas falésias, perguntava se algum marinheiro tinha passado na estrada em frente da estalagem. Ao princípio, pensámos que era a falta de companhia que o levava a fazer a pergunta; mas, por fim, percebemos que ele estava desejoso de evitar esse tipo de gente. Quando um homem do mar aparecia na Almirante Benbow (como acontecia às vezes, quando acontecia tomarem a estrada da costa em direção a Bristol), ele ficava a espreitá-lo por trás da cortina até decidir-se a entrar na sala. E fazia o possível por ficar calado como uma mosca enquanto ele estivesse presente. Para mim, ao menos, não havia segredos quanto a isto, visto que estava, de certa maneira, solidário com os seus temores. Um dia, tinha-me chamado à parte, prometendo-me uma moeda de prata no primeiro dia de cada mês se mantivesse «os olhos bem abertos» para ver se avistava «um marinheiro com uma perna de pau», e, caso o visse, para



lho comunicar imediatamente. Muitas vezes, quando chegava o princípio do mês e eu lhe lembrava que me estava a dever a mesada, limitava-se a assoprar pelas narinas, pondo os olhos no chão. Mas, pouco tempo passado, reconsiderava e entregava-me a minha moeda de prata, com muitas recomendações de me manter atento ao «marinheiro da perna de pau».



Quase não é preciso dizer que esta personagem assombrava os meus sonhos. Em noites de tempestade, quando a ventania sacudia os quatro cantos da casa e as ondas rebentavam na baía contra as falésias, a sua imagem aparecia-me sob mil formas diferentes, com mil expressões diabólicas. Uma vez a perna estava cortada pelo joelho, outras pela anca; outras ainda, era como se nunca tivesse tido mais do que uma perna, implantada no meio do corpo. O pior dos pesadelos acontecia quando ele se punha a perseguir-me aos saltos, por montes e vales.

E, atendendo a estas visões abomináveis, não se pode dizer que a minha moeda mensal fosse paga excessiva.

Embora eu andasse aterrorizado com o pernetá, tinha muito menos medo do capitão do que as outras pessoas que o conheciam. Havia noites em que ele tomava muito mais rum do que a sua cabeça conseguia aguentar. Nessas alturas, ficava sentado a cantar as suas antigas e grosseiras canções de marinheiros, sem ligar a ninguém; mas também acontecia mandar servir bebida a toda a gente, obrigando os seus receosos companheiros a ouvirem as suas histórias e a cantarem com ele. Muitas noites a casa quase ia abaixo com o estribilho «Yo-ho-ho, and a bottle of rum», porque toda a gente fazia coro com ele, e cada um esforçava-se por cantar mais alto do que o outro, para evitar dissabores. Quando lhe dava para isso, tornava-se o homem mais tirânico do mundo: começava por dar uma palmada na mesa para impor silêncio; era capaz de ter um ataque de fúria por causa de uma qualquer pergunta que lhe fizessem, ou mesmo se não lhe fizessem pergunta nenhuma, omissão que ele interpretava como um sinal de falta de atenção pelas suas histórias. E não deixava ninguém ir-se embora antes de ele próprio, a cair de bêbado, se arrastar para a cama.

As suas histórias eram o que assustava mais as pessoas. Histórias terríveis, sobre homens que eram enforcados ou condenados a caminhar sobre a prancha\* até caírem à água, histórias sobre tempestades ao largo, sobre as Tortugas ou sobre estranhos acontecimentos e lugares na América espanhola. A acreditar nele, era como se tivesse vivido entre alguns dos maiores facínoras que alguma vez Deus colocou à superfície das águas. E a linguagem que usava para contar estas histórias chocava os nossos pobres camponeses quase tanto como a descrição dos crimes em que abundavam. O meu pai passava a vida a dizer que, por este caminho, a estalagem ia à ruína, porque não faltaria muito para as pessoas deixarem de ir até lá, por

não quererem sujeitar-se a ser tiranizadas e humilhadas, antes de irem a tremer para a cama. Mas eu acho que, feitas as contas, a sua presença foi boa para nós. Toda a gente ficava assustada nessas noites, mas mais tarde percebia-se que acabavam por gostar da sensação: sempre era uma animação na tranquilidade da vida rural. E até havia alguns rapazes que tinham por ele genuína admiração e lhe chamavam «um verdadeiro lobo-dormar», um «velho curtido» e outros nomes como estes. Diziam que era por causa de homens como ele que a Inglaterra se tinha tornado temível em todos os oceanos.

Mas, num certo sentido, é verdade que ele estava a conduzir-nos à ruína. Como foi ficando semana após semana, mês após mês, o dinheiro que nos entregou ao princípio acabou por se esgotar, e o meu pai tinha medo de lhe pedir mais. Se falava nisso, o capitão assoprava pelas narinas com tanta força que quase parecia soltar um rugido, e cravava os olhos no meu pai de tal maneira que o obrigava a sair da sala. Vi-o a torcer as mãos depois de uma cena destas e tenho a certeza de que a contrariedade e o terror em que ele vivia muito contribuíram para lhe apressar a morte, prematura e infeliz.

Durante todo o tempo em que viveu connosco, o capitão nunca mudou de vestimenta, à exceção de uns pares de meias que comprou a um vendedor ambulante. Um dos bicos do tricórnio quebrou e ficou pendurado; e, apesar de isso lhe ser incómodo nos dias de vento, andava com ele assim. Lembro-me do aspeto do casaco, que ele próprio passajava no seu quarto, e que, para o fim, já só era uma manta de remendos. Nunca escreveu ou recebeu uma carta, nunca falou com ninguém a não ser os vizinhos e, mesmo com estes, quase sempre quando já estava afogado em rum. Nenhum de nós viu o enorme baú aberto.

Só uma vez o vi perturbado, e isso aconteceu nos últimos tempos, quando o meu pobre pai já tinha apanhado a tísica que acabaria por levá-lo. O Dr. Livesey veio, num final de tarde,

para ver o doente, comeu qualquer coisa que a minha mãe lhe arranjou, e foi até à sala fumar cachimbo, enquanto esperava que lhe trouxessem o cavalo, que tinha ficado na aldeia porque nós não tínhamos estábulo na Benbow. Eu fui atrás dele e lembro-me de reparar no contraste entre o aspeto limpo e aprumado do médico, de peruca empoada como se tivesse neve no cabelo, os olhos negros brilhantes e as maneiras corteses, e a boçalidade da gente do campo, para já não falar do nosso espantalho de pirata, sujo, pesadão e encharcado em rum, de cotovelos fincados na mesa. E, de repente, pôs-se a cantar – refiro-me ao capitão, evidentemente – a sua eterna canção:

*«Fifteen men on the dead man's chest –  
Yo-ho-ho, and a bottle of rum!  
Drink and the devil had done for the rest –  
Yo-ho-ho, and a bottle of rum!»*

Ao princípio, eu pensava que «o baú do morto» se referia àquele malão que ele tinha trazido para o quarto da frente, no primeiro andar, e essa imagem misturara-se nos meus pesadelos com a do marinheiro pernetá. Mas, por esta altura, já todos tínhamos deixado de ligar à canção. Só para o Dr. Livesey era uma novidade, e não se pode dizer que lhe tenha causado boa impressão, porque o vi erguer os olhos com uma expressão irritada, antes de retomar a conversa que estava a ter com o velho Taylor, o jardineiro, sobre uma nova cura para o reumatismo. Entretanto, o capitão foi-se entusiasmando com a sua própria música, e, por fim, deu uma palmada na mesa em frente dele, de tal forma que todos sabíamos que estava a exigir silêncio absoluto. Todas as vozes se calaram, exceto a do Dr. Livesey, que continuou, calma e pausadamente, a tirar, entre duas frases, profundas baforadas do cachimbo. O capitão fixou o olhar nele, deu uma nova palmada na mesa, voltou a olhar,

ainda mais intensamente, e soltou um palavrão: «Silêncio aí em baixo, no convés!»

– O senhor está a falar comigo? – perguntou o médico. E quando o brutamontes lhe respondeu, com outro palavrão, que sim senhor, era com ele que estava a falar, o Dr. Livesey respondeu-lhe:

– Só tenho uma coisa para lhe dizer, caro senhor. Se continuar a beber rum dessa maneira, em breve o mundo se verá livre de um bom patife!

A fúria do velhote foi horrível. Pôs-se em pé, puxou de uma navalha de ponta e mola e, balançando-a na palma da mão, ameaçou pregar o médico à parede.

Este nem sequer se moveu. Voltou a dirigir-se-lhe por cima do ombro, e no mesmo tom de voz, muito alto, para que toda a sala pudesse ouvir, mas com a mesma calma e firmeza:

– Se não mete já essa navalha no bolso, juro-lhe, por minha honra, que o hei de levar a julgamento e vê-lo enforcado.

Seguiu-se uma batalha de olhares entre eles. Mas o capitão acalmou-se, meteu a navalha no bolso e voltou a sentar-se, resmungando como um cão que tivesse sido castigado.

– E agora, cavalheiro – continuou o médico –, agora que sei que há na minha circunscrição um indivíduo como o senhor, pode ter a certeza de que vou ficar de olho em si, dia e noite. É que eu não sou só médico; também sou magistrado. E se me chegar a sombra de uma queixa contra si, nem que seja só por uma exibição de incivilidade como a desta noite, tomarei medidas efetivas para o apanhar e expulsar destas paragens. Por agora, é tudo.

Daí a pouco trouxeram o cavalo do Dr. Livesey até à nossa porta. Ele montou e afastou-se; mas o capitão manteve-se calmo, no resto da noite e nas muitas noites que se lhe seguiram.



